



CURTE, COMPARTILHA E SALVA – USO DO *INSTAGRAM* PARA PRODUÇÃO DE CONTEÚDO EM SALA DE AULA

Like, Share and Save – Use of Instagram for content production in the classroom

Me gusta, compartir y guardar: uso de Instagram para la producción de contenidos en el aula

Harian Pires Braga¹

Resumo: O uso de redes sociais é uma questão constante nos diversos segmentos da Educação. A falta de foco nas atividades pedagógicas e as questões de saúde mental e de segurança convivem com a possibilidade de ampliação ao acesso à informação e à divulgação científica de qualidade. Não se pode tratar o tema como dicotomia, mas problematizá-lo no contexto educacional; assim este relato de experiência docente objetiva sistematizar e avaliar práticas de uso *Instagram* no ensino de história, em uma escola municipal de Campinas/SP, entre 2020 e 2023. Os resultados, especialmente em atividades práticas, foram promissores, mas também revelaram desafios quanto à inclusão digital das/dos estudantes, ao acesso à infraestrutura adequada e à organização dos tempos pedagógicos de trabalho.

Palavras-chave: Ensino de História. Educação Básica. Redes sociais. *Instagram*.

Abstract: The use of social networks is a constant issue in different segments of Education. The lack of focus on pedagogical activities and mental health and safety issues coexist with the possibility of expanding access to information and quality scientific dissemination. The topic cannot be treated as a dichotomy, but rather problematized in the educational context; Therefore, this teaching experience report aims to systematize and evaluate practices of using *Instagram* in teaching history, in a municipal school in Campinas/SP, between 2020 and 2023. The results, especially in practical activities, were promising, but also revealed challenges regarding digital inclusion of students, access to adequate infrastructure and organization of pedagogical work times.

Keywords: School History. Elementary Education. Social Midia. *Instagram*.

Resumen: El uso de las redes sociales es un tema constante en diferentes segmentos de la Educación. La falta de enfoque en actividades pedagógicas y en temas de seguridad y salud mental coexisten con la posibilidad de ampliar el acceso a la información y la divulgación científica de calidad. El tema no puede ser tratado como una dicotomía, sino problematizado en el contexto educativo; Por lo tanto, este relato de experiencia docente tiene como objetivo

¹ Mestre em 1Educação Física e Sociedade. Prefeitura Municipal de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: harian.braga@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7399586288650873>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-2707-9823>

sistematizar y evaluar las prácticas de uso de *Instagram* en la enseñanza de la historia, en una escuela municipal de Campinas/SP, entre 2020 y 2023. Los resultados, especialmente en las actividades prácticas, fueron prometedores, pero también revelaron desafíos en materia digital. inclusión de los estudiantes, acceso a infraestructura adecuada y organización de los tiempos de trabajo pedagógico.

Palabras clave: Enseñanza de la historia. Educación básica. Redes sociales. Instagram.

Introdução

Dizer que o Ensino de História² sofreu mudanças nos últimos anos - qualquer que seja o recorte que essa mensuração abarque - tangencia a obviedade porque o conhecimento histórico não é estanque. A historiografia sofre transformações com o surgimento de novos questionamentos, com o protagonismo de novas/novos agentes, com questões sociais que fazem repensar interpretações e mesmo com a possibilidade de trabalho com novas fontes ou fontes já conhecidas a partir de novas metodologias. Todas essas mudanças chegam ao Ensino de História, que, por sua vez, lida com as transformações e as tensões internas ao campo educacional: concepção de escola, relação com a Comunidade Escolar³, temas de interesse dos estudantes, metodologias e teorias de ensino e condições materiais nas escolas.

Apontar que o estado de transformação é inerente ao Ensino de História cumpre com a função primordial de perceber a existência de uma disputa constante, bem como a necessidade de se olhar para o contexto em que se está inserido e fazer as leituras necessárias para que não haja um descolamento entre o que se ensina, o que se pesquisa, o que se debate e o que se vive. Mais do que dar um tom de excepcionalidade, como se o momento atual fosse de maior destaque do que outros tantos, é necessário que entendamos as especificidades em que estamos inseridos, sem nutrir tons emotivos de saudosismo ou de ode ao presente, respeitando

² Ensino de História é tratado ao longo do texto como uma área do conhecimento histórico em que se articulam processos metodológicos e epistemológicos próprios, característicos de uma cultura escolar, com vistas a relações de ensino e de aprendizagem. Na medida em que se constrói conhecimento e não apenas reproduz o que é feito no ambiente acadêmico, não se trata de uma simples transposição didática, hierarquicamente inferior, mas um campo de estudo e de intervenção, que se relaciona com o ambiente acadêmico numa visão de complexidade (BITTECOURT, 2009).

³ Regimento Escolar Comum das Unidades Educacionais da Rede Municipal de Ensino de Campinas define como Comunidade Escolar:

“Art. 16. A comunidade escolar compreende:

I - profissionais da Equipe Educacional;

II - alunos; e

III - famílias e responsáveis legais.

Parágrafo único. A Equipe Educacional é formada pelos profissionais que compõem as Equipes Gestora, docente, de apoio escolar e de monitores infantojuvenis e/ou agentes de Educação Infantil.” (CAMPINAS, 2018).

as condições materiais postas, as atrizes e os atores sociais que compõe a escola. Também não significa que as disputas atuais precedem um tempo de estabilidade, com a idealização total do futuro e o desprezo pela contemporaneidade. Na construção do conhecimento escolar o que menos se pode falar é de estabilidade uniformizadora, visto a miríade de agentes, de interesses, de disputas e de significados em jogo (CÁSSIO, 2019).

Começar este trabalho, um relato de experiência docente⁴, com essa introdução cumpre com três funções que são necessárias para pensar práticas pedagógicas e mesmo a construção do saber histórico no Ensino Básico. O primeiro ponto, já muito evidente, é que não se pode pensar a atuação em sala de aula, seja qual for o segmento, como algo pronto e completo. A formação da educadora e do educador é constante, ocorrendo não apenas nos ambientes acadêmicos, mas nas interações sociais com estudantes, nos regimes de leitura e de estudo individuais e coletivos, na apropriação do capital cultural e no contato com as tecnologias e com as representações simbólicas do tempo presente (FREIRE, 2021a; 2021b). Noutras palavras, a formação enquanto indivíduo que atua na Educação é constante e não pode fechar os olhos, por exemplo, para o uso de redes sociais como forma de difusão do conhecimento.

O segundo ponto que deixo estabelecido é que não basta dominar algumas das mudanças em curso para que se tenha segurança. Tão logo determinadas mudanças sejam dominadas, outras surgirão e implodirão as certezas. Como forma de manifestação dessa formação contínua, significa dizer que é preciso estar atento às mudanças não como uma corrida de perseguição, mas como o entendimento que é impossível o domínio pleno de várias linguagens, bem como a ausência total de conhecimento sobre algumas delas é inconcebível. Quando em 2020 a Pandemia de Covid 19 forçou ao domínio de algumas tecnologias e metodologias que permitissem o ensino não presencial, o retorno às aulas a partir de 2021 demandou novas adaptações de currículo, abordagens diferenciadas e, claro, a retomada de interações sociais. Consolidado o retorno, avaliadas algumas das práticas executadas na pandemia, tem-se as inserções de serviços de inteligência artificial que mudam uma série de

⁴ O relato de experiência aqui é entendido como uma escrita acadêmica que articula a descrição de uma experiência vivenciada no contexto profissional do ensino (experiência próxima), com o esforço explicativo, construído pela aplicação crítica-reflexiva articulada com aspectos teórico-metodológico (experiência distante) (MUSSI, FLORES; ALMDEIDA, 2021).

dinâmicas escolares. Saber todos os pormenores desses momentos é improvável, mas é necessário contato mínimo.

Por fim, o terceiro ponto que norteia esta reflexão introdutória, aceitando que as mudanças estão diante dos nossos olhos, é compreender que também temos que nos apropriar de parte dessas mudanças. Não se pode ignorar que as/os estudantes têm contato com redes sociais e são parte constituinte de suas sociabilidades. Também não há espaço para aderir a um pensamento imediatista e não real de que esses espaços virtuais suprem as demandas de interação social, pois isso é um engodo. Nem todas as fichas em um extremo, nem todas as fichas no outro. É preciso um caminho de ponderação e, como já escrito, de apropriação. O que se pode tirar dessas redes sociais que ajuda no trabalho docente? Que recursos pode-se usar para que elas cumpram com uma função de sociabilidade, mas também de apropriação de conhecimento? Como trazer esse universo para sala de aula sem ser apenas como crítica? Ora, aceitar que as mudanças estão presentes em nosso cotidiano é também avaliar que pontos positivos e negativos podem ser retirados desse contexto.

Este trabalho pondera os questionamentos anteriores a partir algumas das experiências do uso de redes sociais no Ensino de História numa escola municipal de Campinas-SP, apresentando o que foi realizado, avaliando como o processo ocorreu e que perspectivas se pode trilhar a partir delas. A importância desse tipo de reflexão é justamente buscar os pontos de contato entre teoria e prática, visto que a atuação docente não pode sustenta-se apenas em apenas um dos polos, sob pena de ser totalmente descontextualizada. Dessa sistematização é possível avaliar os trabalhos docentes, bem como construir problemas de pesquisa que são pertinentes ao planejamento pedagógico, validando que na escola também se faz pesquisa e se constrói conhecimento (BITTECOURT, 2009). Não se trata de uma receita pronta a ser reproduzida em qualquer ambiente, mas constatações a partir de um determinado local de fala e de atuação profissional.

O local em que se fala e em que se trabalha - contexto de onde foram desenvolvidas as experiências

Os quatro exemplos que serão apresentados foram resultado de trabalhos realizados entre 2020 e 2023, na Escola Municipal de Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos Professor André Tosello (daqui para frente referida como Tosello), no município

paulista de Campinas⁵. A escola está localizada na região sudoeste da cidade, no distrito do Ouro Verde, uma região que abriga quase um quarto da população de Campinas e apresenta uma diversidade social de bairros, desde regiões de ocupação irregular, com grande carestia de serviços públicos, até mesmo porções de uma classe média consolidada e uma rede de serviços públicos e privados robusta. É comum, portanto, que essa população permaneça boa parte do tempo na região, não vivenciando a região central da cidade. Os pontos de contato com outras localidades campineiras, por vezes, ocorrem apenas no deslocamento do trabalho. Assim, locais como a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), uma das principais instituições de ensino, pesquisa e extensão da América Latina não estão no cotidiano dessas pessoas.

No caso específico da escola Tosello, o público é em sua maioria do entorno, numa parte mais urbanizada e com infraestrutura no bairro. Há o atendimento a uma região mais distante, cerca de 7 quilômetros da escola e de maior vulnerabilidade social, contudo, não é a maioria do público. Mesmo no período noturno, na Educação de Jovens e Adultos (EJA) as pessoas são de locais próximos à escola e com poucos casos de extrema vulnerabilidade social. Isso significa dizer que o perfil da escola é de uma comunidade que tem acesso à internet de banda larga (própria ou compartilhada) e que possui aparelhos para acesso e navegação (na imensa maioria dos casos, smartphones). Assim é uma realidade que essa Comunidade Escolar utiliza redes sociais e com grande recorrência.

Fora essa questão social, é importante apontar como a Prefeitura Municipal de Campinas, por meio da Secretaria Municipal de Educação, investiu em condições de acesso. Que pese que parte dessas políticas públicas necessita de instrumentos de avaliação sobre sua pertinência e que, em muitos casos, a realidade se mostrou muito mais complexa do que a ação planejada, houve investimento em conexão e aparelhos para as/os estudantes. Cada estudante da escola recebeu um dispositivo de acesso móvel à internet, utilizando tecnologia de telefonia 4 G, sendo o pacote de dados renovado mensalmente. Essa distribuição começou no primeiro semestre de 2021, tendo sido paulatinamente descontinuada ao longo de 2022, sem novos aparelhos ou sem a renovação do pacote de dados.

⁵ Os dados transcritos no início desta seção são parte dos trabalhos desenvolvidos ao longo dos três anos mencionados tanto para a elaboração dos Planos de Ensino de História, como para outras ações escolares, seja de planejamento ou de avaliação.

Na questão aparelhos, estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental receberam um *chromebook*, um computador portátil de uso pessoal, com funções limitadas, mas que permite bom acesso à internet. Já as/os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental e da EJA receberam um *tablet*, um aparelho que se aproxima mais dos *smartphones*, mas com menos recursos do que o *chromebook*. O regime de cessão desses aparelhos foi variado, em via de regra trata-se de um empréstimo enquanto a/o estudante for da rede municipal, ou seja, o equipamento não é da/do estudante, mas ficaria com ele/ela durante o período de vínculo, tendo uma função eminentemente educacional. Na prática nem todo o corpo discente de fato fez uso dos aparelhos, com casos de avaria ou extravio. A questão do “bom” ou “mau” uso não pode estar descolada de que a oferta material ocorreu, mas a inclusão digital com ações de letramento digital foi insuficiente (COSCARELLI; RIBEIRO, 2014).

Nas salas de aula foram instalados computadores de mesa e projetor digital, que além de transmitir as imagens do computador possui caixa de som e interatividade com lousa digital. Conjuntos de *chromebooks* foram sendo disponibilizados ao longo dos anos para uso interno e compartilhado na escola, de modo que no segundo semestre de 2023 todas as dez salas de aula da unidade escolar contam com um conjunto de 35 aparelhos instalados. As/os professoras/es receberam também um *chromebook* e um *modem* de internet para uso profissional, nas mesmas condições das/dos estudantes. Estudantes e todas/todos profissionais da Secretaria Municipal de Educação também receberam um endereço de e-mail *Google* para acessar os serviços da empresa, fazer a comunicação oficial e armazenar, *on-line*, diferentes tipos de arquivo.

Vemos que a situação de acesso a recursos digitais nas escolas municipais de Campinas é facilitada com a oferta de equipamentos, o que não necessariamente é uma realidade para outras localidades. Essa facilidade de uso de recursos digitais em sala de aula e mesmo para a preparação de atividades contrasta a tímida formação continuada oficial ofertada. Ao longo dos anos citados, não houve uma política longitudinal de formação para o uso de tecnologias em sala de aula, sendo as ofertas restritas a momentos pontuais de como operar determinados equipamentos ou minicurso iniciais para a utilização do *Google Sala de Aula*, uma plataforma educacional desenvolvida pela *Google* e que foi colocada como interação preferencial pela Secretaria de Educação durante a Pandemia de Covid-19.

Como apresentado, é possível afirmar que a formação docente continuada esteve mais atrelada à livre iniciativa de docentes, ou seja, constituída por iniciativas individuais - ou

mesmo coletivas quando articuladas nas unidades escolares – em vez de uma ação institucional. Tal caminho, atrelado mais às preferências subjetivas, aos interesses e às afinidades individuais, pode desenhar o trabalho pedagógico com redes sociais como apenas fruto de proximidades pessoais, não como uma demanda curricular estrutural, de toda a rede. Assim, as escolhas por acompanhar perfis de divulgação científica, de instituições de cultura, de museus, de grupos de pesquisas, de jornalismo e de conteúdo educacional explicariam o uso pedagógico. O problema é que as escolhas educacionais, observando a estrutura curricular de Campinas, precisam expor intencionalidade, e diálogos interdisciplinares e trocas coletivas, não apenas escolhas individuais (CAMPINAS, 2013; 2014).

O trabalho pedagógico com redes sociais foi baseado no *Instagram*, que permite o compartilhamento de imagens, desde fotos, até vídeos, com a possibilidade de edição e de adição de músicas. Essa rede social possui grande alcance entre jovens, com milhões de usuários no Brasil, podendo ser acessado de dispositivos móveis, com *design* relativamente intuitivo e fácil manuseio (PACETE, 2019). Em sua dissertação Moraes ainda avalia como o *Instagram* pode contribuir para questões como aprendizagem colaborativa, história digital e educação histórica (MORAES, 2018). Tais demandas podem ser alcançadas pela possibilidade de interatividade da rede, onde curtir (dizer que gostou da publicação), compartilhar e mesmo comentar imagens é algo simples e corriqueiro. Ainda há recursos como mensagens privadas diretas, *quizzes*, transmissões ao vivo e marcar perfis (um alerta público direcionado a um/uma determinado/a usuário/a).

Também merece destaque como o recurso imagético é preponderante no *Instagram*. Os textos verbais estão limitados e são, por vezes, utilizados como legenda ou complemento da imagem destacada. De toda forma, a imagem é o ponto fundamental da mensagem, é ela que chama atenção para a publicação e é o foco principal de leitura. Seja nas imagens fixadas no perfil (*feed*) ou as temporárias (*stories*) o recurso imagético é tão forte que os textos, extremamente curtos, acabam sendo trazidos para a publicação, como efeitos complementares ou alternados pelas imagens. A partir das experiências pedagógicas diante da Comunidade Escolar da Tosello, o alcance imagético tende a ser maior, justamente porque se trata de pessoas com diferentes momentos de letramento e de relações distintas entre a leitura e a escrita de textos verbais de maior fôlego. Não se trata de depreciação, pelo contrário, é a constatação de que esse tipo de mensagem tem maior circulação nas redes sociais

O que chamo aqui de rede social é um ambiente virtual específico, no qual há interações por diferentes tipos de textos, verbais ou não verbais, sendo que tanto a expressão textual como a forma que se estabelecem as interconexões está baseada numa arquitetura própria de cada plataforma (ZENHA, 2018). Vale ainda acrescentar que essas redes não possuem apenas interações entre perfis individuais, mas também perfis de empresas, de serviços, de estabelecimentos comerciais e mesmo perfis não verdadeiros (chamados popularmente de *fakes*). Além de uma interação social, de caráter interpessoal, há um potente mercado de estímulo e de identificação de padrões de consumo que molda cada uma dessas arquiteturas.

Cada empresa controladora de uma rede social possui instrumentos que potencializam as interações, aproximando conteúdos parecidos, à medida que traça padrões nos gostos de cada usuário/o. Esses instrumentos, comumente chamados de algoritmos, não são plenamente discriminados, sendo um capital econômico extremamente importante para seus gestores. Os conteúdos se retroalimentam, na medida em que ocorrem interações com perfis e/ou publicações, levando a uma oferta de similaridades. Numa espécie de “bolha”, visualiza-se mais aquilo que é correlato e identificado pelo algoritmo como “interessante” para aquela pessoa (MEIRELES, 2021). Não seria demais pensar que esses ambientes podem se transformar em guetos (WACQUANT, 2004) virtuais, com vozes uníssonas se comunicando.

De pronto, já há o desafio de não reforçar esse isolamento, pois ele é o oposto do que se pretende no Projeto Pedagógico da Escola, que busca desenvolver questões com o respeito, a diversidade e a alteridade (CAMPINAS, 2023). O esforço, portanto, foi no sentido de não centrar toda atenção na rede social em si, mas nela como ferramenta de execução da atividade, como ponto de partida para outras interações e, de alguma forma, a busca por outros meios de pesquisa e de informação. Há também um segundo desafio que é fazer esse conteúdo chegar de fato à Comunidade Escolar, sobretudo estudantes, uma vez que o alcance depende do engajamento, ou seja, a partir das interações - compartilhamentos, comentários e curtidas - o algoritmo do *Instagram* identifica que aquele conteúdo deva chegar a determinado número e perfil de usuários. Como esse engajamento seria orgânico, sem a compra de publicidade, tem-se um trabalho de longo prazo, feito por meio de constante divulgação das ações realizadas.

Compreendendo, sinteticamente, o universo de acesso na escola Tosello e Rede Municipal de Campinas, a escolha e a ponderação de uso do *Instagram*, os quatro exemplos

que serão descritos são: publicação às quintas-feiras (Throwback Thursday - TBT), na qual se resgata um conjunto específico de efemérides pontuais; as datas comemorativas, publicadas em determinados dias específicos, com maior aprofundamento sobre as datas; preparação de aulas, no qual um conteúdo publicado por terceiros no *Instagram* contribuiu para a elaboração de atividades em sala de aula e, por fim, atividades avaliativas que foram desenvolvidas tendo como base a possibilidade de efetivar publicações nas redes sociais.

Throwback Thursday - TBT

A brincadeira do *Throwback Thursday* (TBT) é utilizada nas redes sociais como uma forma de lembrança, na qual a/o usuária/o posta uma imagem que serve de recordação de algum determinado momento. Esse valor afetivo, de rememoração, faz parte de uma linguagem *online* que foi se construindo ao longo da década de 2000 e o início de 2010 (BRENAN, 2013; MARTINS, 2020; LARA, 2022). O que foi pensado para o uso do *Instagram* da escola - e depois reproduzido na página do *Facebook* - foi reservar um momento de efemérides para a quinta-feira, num calendário semanal de publicações, envolvendo diversos docentes. Cada dia da semana haveria um tipo de publicação, sob a responsabilidade de determinado/a docente com total autonomia para a publicação. O grupo de trabalho apenas definiu os momentos de publicação e levava ao restante das/dos docentes a possibilidade também sugerir conteúdo para a publicação. O cronograma de publicação contava com registro das produções estudantis, curiosidades, o TBT com viés histórico e dicas culturais.

Tanto o perfil no *Instagram* quanto a página no *Facebook* foram criadas no segundo semestre de 2020, como forma de ampliar o conteúdo oferecido para a comunidade escolar da Tosello. Cada postagem também era compartilhada no *WhatsApp* da escola e no *Google Sala de Aula*, contando como carga horária das atividades não presenciais. O retorno das atividades presenciais desmobilizou o grupo de trabalho e mesmo as publicações de História sofreram com a descontinuidade, uma vez que o volume de trabalho presencial inviabilizou a curadoria dos conteúdos das quintas-feiras. Em 2022, as publicações desse tipo mais constante ficaram comprometidas, tendo sido parcialmente restabelecidas no ano seguinte, já agora como parte do novo Projeto Pedagógico da escola (CAMPINAS, 2023).

O cerne da ideia do TBT foi trazer acontecimentos históricos relacionados à semana, como uma forma de efeméride, mas também cumprindo com o papel de apresentar diferentes

tipos de fontes e de locais de pesquisa. Desde o início das publicações a preocupação com o rigor das fontes e das referências se fez presente. As efemérides foram ilustradas por objetos, obras de arte, fotografias, reproduções de textos, exemplos arquitetônicos entre outros. Cada imagem tem sua própria referência simplificada - para encaixar no limite de 2200 caracteres de legenda - com a identificação da fonte, sua datação e local de guarda ou acesso; se possível o perfil do local de guarda da fonte era marcado na publicação. A ideia de marcar os perfis, além de fomentar um possível engajamento, tem a função de apresentar perfis que as/os estudantes podem consultar como forma de pesquisa ou mesmo complementação das informações.

Durante todo o tempo em que o trabalho foi realizado, essa ideia de marcar os locais em que é possível acessar as fontes e o rigor de pesquisa do que seria publicado se manteve. O que mudou foram questões estéticas e também que recortes adotar nas publicações. Inicialmente apenas era colocada a imagem da fonte, sendo a data e o acontecimento na legenda. Nesse modelo não havia identidade visual e por vezes as imagens eram editadas para caber no enquadramento do *Instagram* (Figura 1). A escolha inicial foi por eventos tivesse ocorrido exatamente na data daquela quinta-feira, o que evidente limita o escopo do que poderia ser publicado. Em seguida, passou-se a adotar acontecimentos da semana, o que aumentava a possibilidade de pesquisa e deixava as publicações mais interessantes, pois o escopo de pesquisa aumentava. Do ponto de vista estético criou-se um novo padrão, com a data vindo na publicação e um fundo que dialogasse com as cores da fonte (Figura 2).

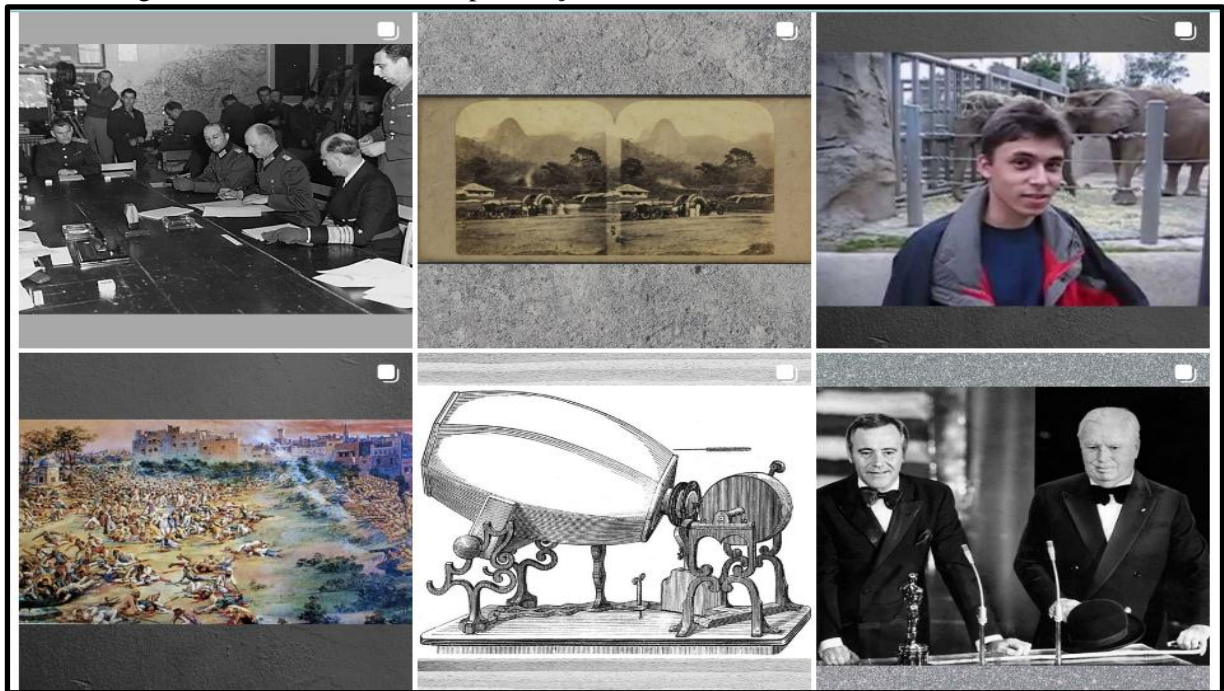
Numa terceira mudança de estética, o texto explicativo da fonte deixou de ser parte da legenda e passou a estar entre as imagens da publicação. A escolha teve também um motivo pedagógico, já que o texto apenas na legenda tenderia a ser preterido e não lido. Com o texto na publicação, ao rodar as imagens, ao menos se teria a possibilidade de contato da explicação da efeméride. Do ponto de vista da produção, também se reduziu de dez para cinco fatos, o que diminuiria o tempo de pesquisa. A última grande alteração, já em 2023, foi abandonar a ideia de listar uma simples efeméride, para trazer um conjunto de conteúdos que dialogasse com o que está sendo trabalhado nas aulas de história em algumas das turmas (Figura 3). Essa mudança contribuiu para que fosse possível manter a ideia de publicações semanais, já que não haveria uma pesquisa específica para as publicações em meio ao trabalho docente, mas também para cumprir uma função de maior articulação entre aquilo que está sendo trabalhado em sala de aula e aquilo que se pretende publicizar nas redes sociais.

A partir dessa descrição de como foi feito o trabalho, algumas ponderações são necessárias, bem como sobre as possíveis sequências. O primeiro apontamento é sobre a complexidade de fazer esse tipo de conteúdo dentro da rotina de trabalho docente. Quando o trabalho estava centrado no ensino remoto, ou mesmo quando havia um retorno parcial, parte do tempo de trabalho podia ser utilizado para a construção de conteúdos semanais para o *Instagram*. A partir do momento em que ocorreu o retorno presencial, perdeu-se a centralidade, diante de atividades como planejamento, preparo de aula, tempo em sala de aula, reforço, correção de avaliações. A descontinuidade do trabalho veio justamente dessa situação, o que fez com que a questão de estética e de conteúdo tivesse que ser repensada para atender ao tempo mais limitado de dedicação às publicações.

O segundo ponto é pensar o que é publicado e para quem é publicado. Se no início a ideia era de fato ofertar mais uma possibilidade de manter vínculos com a escola, agora a publicação deve ter um diálogo mais íntimo com o que é abordado nas aulas. Dessa forma o caminho se inverteu, sendo os debates em sala de aula sistematizados e levados para a rede social e não a criação de um conteúdo totalmente autônomo. Também é uma forma de garantir uma maior periodicidade, já que o material planejado para as aulas passa também a compor o que será publicado nas redes sociais. De qualquer forma, tanto a escolha do que publicar, como a questão estética parecem ter chegado a um ponto de maior maturidade, garantindo inclusive uma identidade visual para as publicações. Em todos os casos, manteve-se o rigor na escolha das fontes e, principalmente, com a referenciação.

Para o futuro, a ideia é justamente manter essa identidade de conteúdo e de estética e incentivar as/os estudantes a seguirem e interagirem com a publicação. Esse é talvez o grande desafio, atingir mais estudantes, em meio a uma concorrência de conteúdos feitos eminente para sociabilização e lazer. Em via de regra elas e eles passam a seguir o perfil da escola, mas pouco interagem, no máximo curtem a publicação. Pensar estratégias para aumentar esse engajamento é necessário, não apenas como forma de divulgação do trabalho, mas como possibilidade de fomento à pesquisa discente e a consequente aquisição de capital cultural (BOURDIEU, 1983). Se há uma interação com o conteúdo e um olhar para os locais onde se pode obter mais informações, é de se pensar que esses/essas estudantes tenham acesso a perfis que “furem” as “bolhas” virtuais em que estão inseridos e tomem para si o uso das redes sociais também como acompanhamento escolar.

Figura 1 – Primeira versão de publicações do TBT, sem identidade visual, em 2021.



Fonte: AUTORIA PRÓPRIA, 2023 a partir do *Instagram* @prof.andretossello.

Figura 2 – Versão de publicações do TBT, com identidade visual e texto intercalado, em 2022.



Publicação TBT, 2022, no *Instagram* da escola @prof.tosello, 27 maio. 2022.

Fonte: AUTORIA PRÓPRIA, 2023 a partir do *Instagram* @prof.andretossello.

Figura 3 – Versão atual de publicações do TBT, com um único tema e em diálogo com o que está sendo trabalhado em sala de aula, em 2021.



Fonte: AUTORIA PRÓPRIA, 2023 a partir do *Instagram* @prof.andretossello.

Datas comemorativas

As datas comemorativas como mote para publicação são um desdobramento do trabalho com o TBT. A base de que a publicação deveria ter um rigor na escolha das fontes, na construção da informação e na referência de locais que pudessem se desdobrar em pesquisas discentes, manteve-se. A grande diferença é que aqui o dia da semana da publicação não é o fator determinante, mas a data em si. Mais ainda, o que estaria sendo publicado não seria algo específico da escola, pois nessas datas haveria outras tantas publicações com o mesmo conteúdo. Assim, o desafio é tanto ter uma profundidade no que está sendo publicizado, como ter originalidade, mantendo a identidade visual. O público pensado é outro também, já que aqui se expande a ideia de informação para toda a Comunidade.

A estrutura destas publicações é bem simples, a partir da data escolhida (1º de Janeiro, Dia das Mulheres, Tiradentes, Descobrimento do Brasil, Páscoa, Dia das/dos Trabalhadoras/es, Corpus Christi, Aniversário de Campinas, Independência do Brasil) se cria uma identidade visual própria, com semelhança ao que foi feito no TBT, colocando imagens de fontes que dialogam com o conteúdo abordado e textos informativos. O pormenor aqui está em romper com publicações que reforçam uma concepção de História mnemônica e factual,

avanzando no sentido de mostrar tensões historiográficas e diferentes possibilidades de fontes (CARR, 1996). Isso tudo, dentro das especificidades que uma publicação de *Instagram* oferece.

Podemos pensar nessas publicações como uma espécie de divulgação científica (CARNEIRO, 2020), com o conteúdo produzido podendo ser utilizados em diferentes contextos. O cuidado aqui é não repetir um processo de exaltação de curiosidades históricas, mas sim em dar possibilidade para ensejos que despertem o interesse pelo conhecimento histórico, e, à medida que se trabalhe em sala de aula essas datas, a construção de uma consciência histórica (SCHMIDT, M. A.; URBAN, A. C., 2016; CERRI, L.F., 2021). Não é a comemoração da data em si que fundamenta a publicação, mas a possibilidade de apresentar, de maneira sintética, discussões sobre um tema e a variedade de fontes que podem ser consultadas para um eventual aprofundamento. As próprias fontes devem mostrar uma diversidade (obras de arte, textos, objetos), sendo vistas como formas de compreensão históricas e não como reflexos de uma verdade do passado.

O primeiro exemplo é o Dia Internacional das Mulheres, publicação que foi feita em 2022 (Figura 4) e em 2023 (Figura 5). O tema é recorrente para trabalhos pedagógicos, especialmente na EJA, em que o currículo permite que essas questões de gênero apareçam de maneira muito mais integradas entre os diversos componentes curriculares, justamente pelo currículo da EJA em Campinas ser pensado em termos de objetivos e não conteúdos, dando destaque a essas possibilidades de integração (CAMPINAS, 2013). Do ponto de vista geral, a EJA não se caracteriza mais por uma simplificação do ensino regular, mas sim um conhecimento próprio, que abarca desde jovens recém excluídas/os da escola, até mesmo adultos longe do ambiente escola a décadas (MEC/UNESCO, 2005). Da mesma forma, as pressões sociais sobre o currículo são outras, incluindo uma não atenção da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), (CÁSSIO, CATELLI, JR, 2019) à modalidade, o que permite temas outros na ordem do dia. Nos Anos Finais do Ensino Fundamental essas temáticas estariam mais dispersas, ou atreladas a projetos pontuais extraordinários.

Uma publicação como essa, que é feita todo ano, poderia gerar uma redundância, portanto, o caminho seria de pensar diferentes olhares sobre o tema. Em 2022 a publicação buscou apresentar como surgiu a comemoração, com uma espécie de linha do tempo da origem da data e mostrando imagens de mobilizações no Brasil e no Mundo, no início do século. Já em 2023, o mote foi a participação de mulheres no esporte, com dados sobre a

participação em diferentes competições. Ou seja, ainda que a publicação seja sobre a mesma data, o enfoque dado mudou, com a ideia de apresentar diferentes informações sobre a comemoração, sem incidir numa ideia de apenas reforçar estereótipos.

As publicações puderam ser utilizadas em sala de aula, justamente nesse esforço de complementariedade e de desenvolvimento de um conhecimento histórico não apenas anedótico, mas que pudesse partir daquelas fontes e dos saberes prévios das turmas de EJA (FREIRE, 2021b) para desenvolver reflexões mais densas. Ora, o Dia Internacional das Mulheres é de conhecimento das/dos estudantes da EJA, está posto na grande mídia, no comércio, nas vivências pessoais, mas o objetivo é justamente avançar no sentido de compreensão histórica que permitisse não apenas conhecer a data comemorativa, mas apreender sua representação social (BITTECOURT, 2009), sua constituição como marco de uma série de lutas sociais e promover debater sobre a questão de gênero, sem restringi-la apenas às mulheres da turma (HOOKS, 2020).

Figura 4 – Publicação sobre o Dia Internacional das Mulheres, em 2022.



Fonte: AUTORIA PRÓPRIA, 2023 a partir do *Instagram* @prof.andretossello.

Figura 5 – Publicação sobre o Dia Internacional das Mulheres, em 2023.



Publicação sobre o Dia Internacional das Mulheres, 2023, no Instagram da escola @prof.Tosello, 9 mar. 2023.

Fonte: AUTORIA PRÓPRIA, 2023 a partir do *Instagram* @prof.andretosello.

O segundo exemplo foi a Semana de Arte Moderna de 1922 (Figuras 6, 7 e 8), com uma série de três publicações, justamente nos três dias em que o evento aconteceu no século passado. Além do centenário do acontecimento, o tema seria trabalhado no Festival Literário do Tosello (FLISESLLO), evento interno da escola de estímulo à leitura. As publicações foram utilizadas em sala de aula como forma de contextualizar a Semana de Arte Moderna de 1922, além de mostrar algumas das principais obras. Tomou-se o cuidado de mostrar as diferentes produções que foram expostas no evento, bem como questionar uma visão idealizada, demonstrando que havia ali um forte componente de classe e mesmo de gênero. Ou seja, mais do que celebrar o centenário, buscou-se problematizar o evento.

Esse conjunto de publicações foi escolhido pela complexidade da elaboração, já que reuniu não apenas imagens de época, além de obras apresentadas no evento, como textos explicativos sobre como foram os dias de apresentação e suas ressonâncias culturais. A partir desse trabalho autoral, foi possível pensar aulas tanto para a EJA como para os Anos Finais do Ensino Fundamental e também para a formação continuada de docentes da EJA, trazendo uma perspectiva histórica para o trabalho coletivo que foi desenvolvido nos dois segmentos e que reuniu outras disciplinas. As imagens retratadas foram trabalhadas como fontes

imagéticas, com a preocupação metodológica e pedagógicas que lhe são peculiares, apresentando e debatendo seus significados (BITTECOURT, 2009).

Figura 6 – Publicação sobre o Centenário da Semana de Arte Moderna de 1922 – 1º dia, em 2022.



Publicação sobre Semana de Arte Moderna de 1922, 2022, no Instagram da escola @prof.tosello, 13 fev. 2022.

Fonte: AUTORIA PRÓPRIA, 2023 a partir do Instagram @prof.andretossello.

Figura 7 – Publicação sobre o Centenário da Semana de Arte Moderna de 1922 – 2º dia, em 2022.



Publicação sobre Semana de Arte Moderna de 1922, 2022, no Instagram da escola @prof.tosello, 15 fev. 2022.

Fonte: AUTORIA PRÓPRIA, 2023 a partir do Instagram @prof.andretossello.

Figura 8 – Publicação sobre o Centenário da Semana de Arte Moderna de 1922 – 3º dia, em 2022.



Publicação sobre Semana de Arte Moderna de 1922, 2022, no Instagram da escola @prof.tosello, 17 fev. 2022.

Fonte: AUTORIA PRÓPRIA, 2023 a partir do Instagram @prof.andretossello.

Este é um trabalho em que a continuidade se demonstra muito potente e simples. O modelo já está consolidado, com o caminho de uma identidade visual e a abordagem conceitual já definida. A questão que se põe para o futuro é como garantir que não se tenha redundância e mesmo um conteúdo que seja apenas protocolar. Para isso é preciso investir em publicações que tragam outras linguagens, como por exemplo vídeos e também que se mantenha em voga a ideia de que o mesmo tema pode ser tratado sobre diferentes aspectos. Evidente que a questão não é fácil, pois ao continuar havendo publicações a possibilidade de esgotamento é grande. A solução parece ser não pensar apenas na data, mas na possibilidade de discussão e de criticidade a partir da data. Isso significa retomar uma percepção de Ensino de História que não seja mero recurso expositivo ou anedótico, mas que se baseie na problematização e na busca pelas multiplicidades ao abordar diferentes temas em sala de aula (PINSKY, 2010).

Preparação de aulas

Também foi possível utilizar o *Instagram* como caminho para a preparação de aulas. Nesse caso, o acesso à rede social não foi feito pelas/os estudantes, mas sim a apresentação de um conteúdo que foi obtido a partir da escolha docente. A rede social foi utilizada como banco de imagens para que se possa preparar diferentes aulas, e aqui são apresentados dois exemplos. O primeiro deles é o perfil @brasil_holandes⁶ que tem como temática principal trazer imagens do período colonial, quando da ocupação holandesa do Nordeste. No perfil há diversas imagens, referenciadas, do período de ocupação (1630-1654) no que hoje chamamos de Nordeste brasileiro. Além dessas diversas imagens sobre a produção do açúcar, o perfil traz um amplo repertório do pintor neerlandês Frans Post, um dos principais artistas a retratar o cotidiano da época. A partir dessas publicações, foi possível construir uma aula expositiva, tendo como tema central a presença neerlandesa na colônia, com as imagens sendo utilizadas especialmente no oitavo ano do Ensino Fundamental.

O uso das imagens não se limitou apenas a uma reprodução imagética, que poderia levar essas fontes – sobretudo pinturas de Post – a uma função menor de apenas ilustração. A partir das imagens selecionadas foi possível apresentar a produção açucareira nos séculos XVI-XVII, a presença da mão de obra escravizadas, as divisões sociais e a arquitetura da

⁶ Disponível em: https://www.instagram.com/brasil_holandes/ Acesso em: 23 out. 2023.

região. Em algumas das obras reproduzidas pelo perfil, com legenda relativamente precisa, foi possível perceber a organização dos espaços coloniais, com especial atenção para a presença constante das igrejas, o que contribuiu para apresentação a história colonial do Brasil para além de uma visão incompleta de exploração econômica e domínio político. Como acervo digital, @brasil_holandes contribuiu para o trabalho de planejamento, por concentrar diferentes fontes históricas e servir de ponto de partida para outras pesquisas que precisaram o debate em aula.

O segundo exemplo esteve presente na EJA, com discussões sobre a História de Campinas, justamente quando os temas debatidos foram as transformações no espaço urbano e o direito à cidade. Nesse sentido, foram utilizadas as publicações do perfil @memoriacampineira⁷. O perfil é administrado por um estudante de História que publica registros fotográficos da cidade de Campinas ao longo do século XX, destacando mudanças no centro e nos bairros da cidade, além de trazer propagandas, postais e demais representações da cidade. A ideia de utilizar o perfil foi justamente trazer à tona um conhecimento da cidade que nem todas e todos possuíam, seja por não serem nativas de Campinas, seja por não conseguirem apreender a cidade da mesma forma. Mas também serviu para mostrar cenas do cotidiano dessas pessoas, seja com o bairro ou com localidades vivenciadas nos tempos de trabalho.

O trabalho com perfil esteve presente em diferentes momentos ao longo dos anos, com atividades sendo elaboradas a partir de seus registros, bem como servindo de mote para aulas expositivas e mesmo para Estudos do Meio (aulas públicas em que há visita a locais que estão sendo estudado na escola). Mais uma vez destaca-se a necessidade de curadoria docente, pois as imagens apresentadas estavam, em suas maiorias referenciadas, mas precisavam ser adequadas à linguagem da turma com que se trabalhava, bem como aos objetivos propostos na aula. Em diferentes momentos foi possível perceber também que a memória dessas/desses estuantes esteve presente, retomando lembranças de algumas das localidades. Mais uma vez entra em cena a valorização dos saberes das/dos estudantes, bem como um processo de pertencimento e reconhecimento da localidade em que vivem (CAMPINAS, 2013).

A utilização desses perfis e de outros que trabalham com a promoção cultural ou com a divulgação científica é promissor para o preparo de aula. Esses locais trazem exemplos de fontes que podem ser trabalhadas em sala, bem como trazem referências para leitura e para

⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/memoriacampineira/> Acesso em: 23 out. 2023.

estudo. Claro, não se trata apenas de tomar contato com conteúdo sem criticidade, aceitando o que é produzido, mas sim compreender essa produção como auxiliar no trabalho docente e que é o protagonismo docente é fundamental no sucesso pedagógico. O uso do *Instagram*, nessa situação traz elementos parecidos com o que um/uma historiador/a se depara em seu trabalho de pesquisa, pois não basta encontrar a imagem e reproduzi-la, mas fazer a crítica à fonte tanto do ponto de vista de como ela foi apresentada, como seus possíveis significados (BLOCH, 2001). Não se pode perder de vista que mesmo sendo uma atividade do Ensino Básico, o rigor metodológico, próprios do “ofício do/da historiador/a” não saem de cena.

Avaliação

Por fim, o último exemplo é pensar o *Instagram* como espaço de avaliação. Avaliação aqui é compreendida como o processo de sistematização do que foi trabalhado em sala de aula, buscando que cada estudantes possa demonstrar articulação com os objetivos propostos. A documentação curricular de Campinas trabalha com grupos de saberes, em que há descritores do que pode ser alcançado, numa lógica espiral, por isso afastando-se de negativa ou de destaque “que não se sabe” (CAMPINAS, 2014). Justamente por concepção, o que foi analisado nas atividades é como preceitos de forma e de conteúdo puderam ser explorados, com rubricas avaliativas para os diferentes graus de compreensão e de execução.

Além desse preceito atrelado à proposta curricular da rede cabe aqui mencionar uma perspectiva de avaliação adotada no planejamento pedagógico individual, que é primar por diferentes leituras de fontes históricas, sempre com o ensejo de problematizar seus usos e buscar uma compreensão do momento e das possibilidades analíticas por elas suscitadas (PINSKY, LUCA, 2020). Os instrumentos de avaliação estiveram distribuídos ao longo do trimestre, com formulários, participação oral, elaboração de textos sínteses, autoavaliação e trabalho em grupo. Ou seja, o exemplo exposto é parte de um contexto de atividades avaliativas que buscou articular diferentes expressões das/dos estudantes, não primando pela ideia de quantidade e de memorização, mas de uma relação dialógica, de compreensão (DEMO, 2010).

Em 2022 foi pedido ao oitavo ano que fizesse um trabalho, em grupo, sobre a Revolução Industrial e que pudesse ser postado na rede social. A mesma ideia foi feita com o nono ano, sendo a temática a I Guerra Mundial. Cada grupo de quatro ou cinco estudantes foi

responsável por montar uma apresentação que trouxesse elementos sobre o tema discutido nas aulas expositivas prévias. Ficou estabelecida a obrigatoriedade de imagens e de textos, mas que eles deveriam se articular de maneira coerente e coesa, sem um excesso de escrita ou com um uso meramente ilustrativo das imagens. Toda informação deveria ter a fonte de pesquisa e preferencialmente a produção textual deveria ser autoral. Por fim, o trabalho foi acompanhado ao longo da produção, com sugestões de melhorias e questionamentos sobre as escolhas feitas.

No sistema de avaliação foi utilizado tanto parâmetros sobre o conteúdo como sobre a estética, o que garantiu que a ideia de que experimentassem a vivências de produtoras/as de conteúdos fosse contemplada. Além das rubricas para cada um desses dois aspectos, também foi feita uma avaliação individual dos grupos, com as/os estudantes sendo chamadas/os a refletir sobre imprecisões e pontos a melhorarem em seus trabalhos. Isso foi feito ao longo das aulas, de maneira oral, visto que muitas vezes a expressividade escrita poderia intimidar o grupo, além de retomar uma expressão já contemplada ao longo do trabalho. Com a observação oral foi possível perceber que compreenderam satisfatoriamente o que produziram e como poderiam melhorar suas produções.

Em 2023, a possibilidade de utilizar a linguagem de publicações como forma de avaliação foi incorporada ao planejamento individual e conseqüentemente ao Projeto Pedagógico da escola. A ideia é justamente que essas/esses estudantes lidem com a questão da pesquisa, com a curadoria e com a produção de conteúdo, tanto se vendo como parte da produção de conhecimento, quanto experimentando outros lugares, que não apenas o passivo de recebimento de um conhecimento pronto. Evidente que esse é um trabalho a longo prazo e que apenas com outros instrumentos complementares poderão ter um resultado exitoso. Não se propõe aqui que todas as avaliações estejam pautadas pelo uso de redes sociais, seja o *Instagram* ou outra qualquer, mas que essas formas de comunicação e de expressão possam também estar presente no cotidiano escolar e que gerem, na medida do possível, uma produção textual própria, robusta e com criticidade.

Considerações finais

Este relato de experiência trouxe exemplos possíveis da utilização de redes sociais no Ensino de História, sem, contudo, apresentar-se como receita pronta para diferentes contextos. O que foi aqui apresentado é fruto de trabalhos inseridos numa dada realidade, portanto,

precisam ser pensados e adaptados quando aplicados a outras tantas realidades educacionais presentes no Brasil. Importante que esse detalhe esteja presente, pois as variáveis num ambiente educacional são muitas, desde questões matérias como o acesso à internet de qualidade até diferentes concepções de história e de historiografia pela/pelo professor/a, e mesmo públicos distintos, que possuem suas demandas sociais próprias. O grande erro de qualquer experiência pedagógica, de uma simples atividade a uma complexa proposta curricular, é desconsiderar que as/os agentes da escola mudam e que um centro urbano de classe média tem muitas distinções em relação a uma periferia empobrecida ou a uma comunidade tradicional rural no interior.

Mesmo a questão da escolha dos usos das redes sociais é fruto de uma construção de conhecimento específica e que não pode ser tomada como única. Mais do que dizer o que deve ser feito, este trabalho é um ponto de início para discussões e para práticas docentes. Significa também aprimorar as leituras, a partir de pesquisas que tragam análises sobre o Ensino de História e as redes sociais, ao mesmo tempo em que é preciso aprofundar-se em questões técnicas e políticas sobre o uso dessas redes, que, por sua arquitetura, são extremamente fluídas. Isso significa aumentar também o acesso dessas/desses estudantes aos recursos digitais, sem desconsiderar que possuem horas de vivência nesse ambiente e que podem trazer perspectivas legítimas e importantes para a sala de aula.

Cabe também a reflexão de que as propostas aqui levantadas não são miríades de um novo tempo, uma invenção inovadora sem precedentes. Como muito bem apontou a professora Circe Bittencourt (2009) não há uma necessidade de reinvenção constante da educação, tão pouco que a inserção de tecnologia vá ser algo de fato inovador. Por um lado, as experiências relatadas são apropriações, releituras e adaptações de outras práticas, inclusive vivenciadas com as próprias turmas com quem já se trabalhou. Por outro lado, não há uma inovação apenas pela forma, ela deve contemplar o diálogo constante com a produção acadêmica dos diversos campos da História e da Educação, deve se pautar por intencionalidades e conhecimento da Comunidade Escolar e, por fim, com a criação de protagonismos estudantis.

Referências

- BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História: Fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2009.
- BLOCH, M. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRENAN, A. Throwback Thursday. **Know your meme**. EUA, 30 maio 2013. Disponível em: <https://knowyourmeme.com/memes/throwback-thursday#photos>. Acesso em: 30 jul. 2023.
- CAMPINAS. **Secretaria Municipal de Educação**. Diretrizes Curriculares de EJA. Campinas: SME, 2013
- CAMPINAS. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica para o Ensino Fundamental – Anos Finais: um processo contínuo de reflexão e ação**. Campina. Prefeitura Municipal de Campinas, Campinas, 2014.
- CAMPINAS. **Quadros de Suporte Pedagógico para as Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental Anos Finais: subsídios à prática educativa**. Campinas. Prefeitura Municipal de Campinas, Secretaria Municipal de Educação, Departamento Pedagógico/Assessoria de Currículo e Pesquisa Educacional, Campinas, SP, 2013.
- CAMPINAS. Portaria Secretaria Municipal de Educação nº69, de 31 de outubro de 2018 - Regimento Escolar Comum das Unidades Educacionais da Rede Municipal de Ensino de Campinas. **Diário Oficial do Município de Campinas**, Prefeitura Municipal de Campinas, Campinas, SP, 1 nov. 2018. Disponível em: <https://www.campinas.sp.gov.br/uploads/pdf/853383742.pdf>. Acesso em: 29 out. 2023.
- CAMPINAS. **Projeto Pedagógico EMEF/EJA Professor André Tosello – 2023**. Prefeitura Municipal de Campinas, Secretaria Municipal de Educação, Campinas, SP, 2023. Disponível em: <https://pponlinesme.campinas.sp.gov.br/homologados/visualizacao-publica.php>. Acesso em: 29 out. 2023.
- CARNEIRO, M. C. O que é Divulgação Científica? – Série: Minha dissertação em DC. **Mindflow – Divulgando a divulgação científica (Blogs UNICAMP)**. Campinas, 21 jan. 2020. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mindflow/oqueedivulgacaocientifica/>. Acesso em: 29 out. 2023.
- CARR, E. H. **O que é História?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- CERRI, L. F. **Ensino de História e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea**. Rio de Janeiro: FGV, 2021.
- CÁSSIO, F. (org.). **Educação contra a barbárie – por escolas democráticas contra a barbárie**. São Paulo: Boitempo, 2019.

CÁSSIO, F.; CATELLI Jr, R.. (orgs.) **Educação é a Base? 23 Educadores discutem a BNCC**. São Paulo: Ação Educativa, 2019.

COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. Letramento digital. IN: FRADE, I. C. A. S.; VAL, M.G.C.; BREGUNSI, M.G.C. **Glossário Ceale- Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Faculdade de Educação da UFMG: Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/letramento-digital>. Acesso em: 29 out. 2023.

DEMO, P. **Avaliação qualitativa**. Campinas, Autores Associados, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021b.

HOOKS, Bell. **O feminino é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

LARA, R. O que é “TBT”? Saiba significado da hashtag usada nas redes. **Tilt Uol**. Brasil, 25 ago. 2022. Disponível em: https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2022/08/25/o-que-e-tbt-entenda-o-significado-da-hashtag-usada-nas-redes-sociais.htm?_uolabtestColumnist=abTest/blogsAndColumnsRecommendationA&&cmpid=copi_aecola. Acesso em: 30 jul. 2023.

MARTINS, L. B. #TBT Por que postamos fotos antigas às quintas-feiras? **Sua Vida - Revista Cláudia**. São Paulo, 20 jan. 2020. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/tbt-por-que-postamos-fotos-antigas-as-quintas-feiras..> Acesso em: 30 jul. 2023.

MEC/UNESCO. **Construção coletiva**: contribuições à educação de jovens e adultos. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.

MEIRELES, A. V. Algoritmos e autonomia: relações de poder e resistência no capitalismo de vigilância. **Opinião Pública**, v. 27, n. 1, p. 28–50, jan. 2021.

PACETE, L.G. Brasil é o terceiro maior consumidor de redes sociais em todo o mundo. **Forbes**, 9 mar. 2023 Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-consome-redes-sociais-em-todo-o-mundo/>. Acesso em: 29 out. 2023.

PINSKY, C. B. (org). **Novos temas nas aulas de história**. São Paulo: contexto, 2010.

PINSKY, C. B.; LUCA, T. R., (orgs). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: contexto, 2020.

SCHMIDT, M. A.; URBAN, A. C.. Aprendizagem e formação da consciência histórica: possibilidades de pesquisa em Educação. **Hist. Educar em Revista**, [S.l.], v. 32, n. 60, p. p. 17-42, jun. 2016. ISSN 1984-0411. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/46052/28507>. Acesso em: 8 set. 2022.

WACQUANT, L.. Que é gueto? Construindo um conceito sociológico. **Revista de Sociologia e Política**, n. 23, p. 155–164, nov. 2004

ZENHA, L. Redes sociais online: o que são as redes sociais e como se organizam? **Caderno de Educação (UEMG)**, Belo Horizonte, ano 20, n. 49 v.1., pp. 19-42, 2018. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/cadernodeeducacao/article/view/2809>. Acesso em: 30 jul. 2023.

Recebido em: 31 de julho de 2023
Aceito em: 4 de novembro de 2023
